XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Herdeiros do mundo: a construção da cultura brasileira. Nas memórias de Pedro Nava .

Silva, Lenina Lopes Soares y Germano, José Willington.

Cita:

Silva, Lenina Lopes Soares y Germano, José Willington (2009). *Herdeiros do mundo: a construção da cultura brasileira. Nas memórias de Pedro Nava. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-062/453

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

Herdeiros do mundo: a construção da cultura brasileira

Nas memórias de Pedro Nava

SILVA, Lenina Lopes Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil
lenina@natal.digi.com.br

GERMANO, José Willington(Orientador)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil
wgermano@digi.com.br

INTRODUÇÃO

> A viagem da memória não tem possibilidade de ser feita numa só direção: do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca de nossos eus. (NAVA, 2001, p. 239-140).

Neste trabalho busca-se refletir sobre a constituição histórico-cultural brasileira segundo Pedro da Silva Nava (1903-1984), médico, reumatologista, literato e erudito brasileiro. Além de publicações na área médica, em particular na sua especialidade, publicou artigos e livros sobre a

história da medicina brasileira e, nos últimos anos de sua existência, escreveu suas próprias Memórias em seis livros completos e um inacabado. Para encontrar a si este autor fez um estudo genealógico em busca dos "eus." Assim as Memórias vão dar conta, não apenas da história de um sujeito, mas de uma sociedade – a brasileira, de um tempo e de seus grupos, como teoriza Bosi (2003) em seus estudos ao pesquisar sobre memórias de velhos.

Nesta perspectiva, foram selecionados como suporte empírico para esta comunicação os livros de Memórias de Pedro Nava, publicados no Brasil em primeira edição, nas décadas de 1970 e 1980. Todavia, serão utilizados também outros livros do autor.

Traz-se de igual modo, no cerne deste artigo, a literatura como espaço de diálogo, nas Ciências Sociais e Humanas, para se pensar a cultura e as experiências de um povo, especialmente nos trabalhos literários que tratem de histórias de vida, experiências profissionais, tendo como inspiração o diálogo recognitivo entre literatura e Medicina, do livro "A Medicina de Os Lusíadas" (NAVA, 2004).

O objetivo é verificar como o escritor expressa as marcas culturais dos povos que constituíram a formação histórica do País, amalgamadas no imaginário social e traduzidas pelo autor como expressões de sua memória individual.

A metodologia está vinculada ao uso da leitura temática dos livros, como estratégia de pesquisa em objetos literários, recolhendo-se o que permite reflexões interpretativas, na tentativa de encontrar elementos para compreender a cultura brasileira como uma herança cultural de vários povos. Dedica-se especial atenção àqueles trechos narrativos que tratam das misturas de experiências culturais dos povos vindos do continente europeu e do africano que se uniram aos povos indígenas que aqui já habitavam nos anos de 1500. Desse modo, tenta-se apreender as proposições de Nava sobre história, tempo, memória, espaço público, patrimônio cultural, relações de poder e de subordinação que plasmam sobre o imaginário social brasileiro.

A CONSTRUÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA

José Maria Cançado (2003, p.21) fala de "um modo de presença do mundo brasileiro" nas Memórias de Pedro Nava. Modo de presença que se traduz como construção memorialística da cultura brasileira. Talvez se esteja dizendo a mesma coisa de outra forma, mas só assim, unindo o que diz Cançado e o que isto significa neste estudo, pode-se dizer como se compreende as figurações e configurações delineadas pelo memorialista. Em síntese conformam o "modo de presença do mundo brasileiro" à construção de uma memória do Brasil que comporta se ver como

herdeiros do mundo no que tange aos aspectos culturais dos povos que compuseram essa(s) cultura(s).

Partindo desta proposição, foram extraídos alguns excertos da obra de Nava para a reflexão sobre suas expressões em relação às marcas culturais dos povos que formaram o povo brasileiro. Em quase todos os livros das Memórias, ele ressalta a influência francesa no que denomina de "espírito de sua época" dizendo que: "em tudo se sentia a presença da França" (NAVA, 2001, p. 27). Em "Chão de Ferro," já no primeiro capítulo narra sua vida de estudante, na categoria de interno no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Essa narrativa deixa clara a dinâmica educativa do Colégio e a opção deste por uma educação militar em termos de comportamento e de aplicação por uma formação à francesa, especialmente no tocante às escolhas literárias. Vê-se, assim, a perspicácia do escritor, que capta esses dois aspectos no interior da escola brasileira e os descreve de forma cadencial, arguta, em detalhes, talvez invisíveis para quem não viveu esse tipo de formação.

Sabe-se que a problemática do discurso militar na educação brasileira já vem sendo estudada por diversos autores, dentre os quais Germano (1993). Este dá ênfase à constituição de um imaginário social instituinte e suas práticas que vêm subsistindo no Brasil, desde o século XIX, em conformidade com os ajustes necessários às diferentes conjunturas históricas e que acabaram chegando até à educação. Quanto à literatura francesa, reconhece-se que é amplamente divulgada em todo território do país desde o período imperial brasileiro. Nava trabalhou com este aspecto em seu livro "Capítulos da história da medicina no Brasil," fazendo referências à multiplicidade de práticas médicas utilizadas no Brasil dos primeiros tempos, oriundas da Europa, da África, da Ásia – unidas às curativas dos índios brasileiros. (NAVA, 2003).

Nesse sentido, visualiza-se que as Memórias de Nava trazem inúmeros elementos interpretativos para a pesquisa histórica e social, em especial sobre o pensamento educacional brasileiro, da influência católica à abordagem militar de suas práticas na primeira metade do século XX, ratificando uma modelagem cultural pela "ordem" do lema positivista, e pela cruz de Roma, implantada nas práticas educativas no Brasil.

O autor foi um estudante pobre que teve que trabalhar para custear os estudos. Sobre isto desabafa:

> Eu tinha dezoito anos, nenhum mundo nem experiência do mundo. Julgava os homens pelos homens de bem com quem tinha tratado até então. Os parentes e os mestres que admirava. Eles tinham me retribuído com o interesse e a afeição que me davam a ilusória impressão de que eu era alguma coisa, pelo menos outro homem a ser tratado de igual para igual.

> Mal sabia eu que estava no limiar de adquirir, à minha própria custa, a consciência de que não valia nada – porque não *podia,* no sentido político. (NAVA, 2001, p. 357, grifo do autor).

Neste desabafo sua luta pela sobrevivência para se manter e continuar estudando é denunciado; por ter que pedir trabalho como um favor a pessoas ligadas ao mando político e ao poder local, e de ser maltratado por elas ou a mando delas (situação que para ele foi humilhante, pois tinha consciência de sua competência e de seu saber); por ter que vender os livros que foram de seu pai para comprar um terno quando foi dispensado da "Linha de Tiro da Faculdade" quando foi visto fardado em um bar. Ao se referir a isto complementa: "Estou contando estas histórias de livros vendidos e alfaiates para mostrar a dureza da vida que eu levava e a que, com meus estudos, cominava também minha heróica e formidável Mãe." (NAVA, 2001, p. 353). Neste particular não há muita diferença entre o Pedro Nava estudante de Medicina nos anos 1920 e muitos estudantes pobres brasileiros, de sua época e de hoje, início do século XXI. Por conseguinte, isto mostra as relações de poder e de subordinação instituídas pelo poder à época.

O autor demonstra, ainda, de forma quase delirante, quando ainda andava a procura de trabalho, sua capacidade de leitura social e política, diante do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, diz ouvir:

> Sou a República ou a Liberdade ou o símbolo que quiseres mas, como vós, estou cá de fora. Aí dentro falam e agem os que dizem fazê-lo em meu nome. Eles arrogaram a si, como propriedade privada, a coisa pública. Entra, na certeza de não me encontrares lá dentro. Lá estão os que tomaram à força os poderes do Império, que por sua vez usurparam os da Colônia. Olha: desde o Sete de Setembro de 1822 não tivemos mais um governo legítimo. O único que já teve o Brasil – foi o dos delegados do Reino. Os de agora instalaram-se eles próprios na autoridade e foram-na surrupiando uns dos outros sem nada conceder ao povo – que continua sempre tratado como em país invadido. Agora entra, se quiseres. Vê como falas, ages, agradas, concordas, aplaudes e vê se ganhas na loteria. Vê se penetras no grupo, no *establishment,* na oligarquia. Desconfio que não o conseguirás. (NAVA, 2001, p. 357, grifo do autor).

Cabe agora outro questionamento: Será que o interpretante/autor, ao traduzir sua história no espaço-tempo como uma realidade concreta de sua existência expõe apenas traços de sua vida, de sua personalidade, ou nos apresenta configurações sociais da memória e da história de seu país capazes de trazer ao debate questões políticas, sociológicas e culturais? – Com certeza, esta será sempre uma questão a ser perseguida quando se tratar da interpretação da obra deste literato, por este trazer à tona, pelos indícios registrados em sua literatura, a maneira de formação política do Estado brasileiro, às margens do povo, até meados do século XX, em uma narrativa histórica com qualidades literárias inegáveis. Assim interpretada, pode corroborar a tese de Santos (2001) contra o desperdício das experiências.

O significado de história para o autor entrelaça-se com o de tempo e memória, narrado em descrições que elevam o espaço privado, situando também os espaços públicos em todos os livros do conjunto memorialístico.

Nas Memórias, o livro "Balão Cativo" traz a percepção de tempo do escritor de uma forma poética, brinda seus leitores com um relato de sua vida articulada à vida da cultura brasileira no tempo social por ele vivido. Parte do todo que conseguiu captar de seu passado (com continuidades e descontinuidades da educação), dos ciclos de vida, das relações pessoais, profissionais, políticas e sociais, enfim, do processo de formação do povo brasileiro no final do século XIX e início do século XX. Sobre o tempo revela que

> pensando diariamente no mesmo fato sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia – o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se gruda as camadas e as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. (NAVA, 2000, p. 239 -240).

Denota que o tempo pode ser traduzido como mar, figura de linguagem que semanticamente traz a imagem de movimentos não linearizados, em ondas de várias formas, direções, padrões e intensidades; vários tempos. Observa-se que o sentido de tempo nos demais livros das Memórias, muitas vezes, se dá por interrogações possibilitadas pela construção textual, datado e localizado espacialmente. Prefere-se não explorá-lo, conformando-se a idéia de que o tempo do contador de histórias do Brasil multicultural é o da diversidade, da heterogeneidade e das temporalidades culturais, mesclado nos espaços nos quais viveu, visitou e interpretou nas inúmeras leituras da vida, do mundo e dos livros que fez.

Ainda em "Balão Cativo" desvela-se, revelando uma criação imagética necessária ao trabalho com as lembranças para caminhar em direção contrária ao tempo cronológico que só vê o futuro, expondo: "Olho para atrás no tempo, varo sessenta anos, vejo a perspectiva longínqua da Rua Direita, do alto dos Passos, vejo destacar-se o grupo de meninos vestidos de branco, roupa à marinheira." (NAVA, 2000, p. 61). Para o escritor o tempo é passado que pode ser revisto, basta olhar "atrás no tempo", nele está contido passagens e paisagens da vida e dos costumes vividos. É tempo com conteúdo cultural, permitindo que o narrador reviva – veja em perspectiva –, o passado; que possibilita ver imagens, formas, figuras; permite que ele reintroduza o espaço público sobre o qual transitava em suas narrativas, reforçando a importância deste para a vida em sociedade. Assim, revisitados, tempo e espaço são como um espelho que estando diante dos sujeitos projeta-se no presente de maneira recursiva, vai ao passado. É descontinuo, não linear, reversível, pelos contornos da memória, conforme pensa Halbawachs (2004). Memória que para Nava deveria ser compreendida a partir da significação e representação, como prática adquirida pelos sujeitos; "lembrança não imobilizada"; representação dos caminhos trilhados: "atividade atraente à inteligência, útil à pesquisa [...]" (NAVA, 2003, p.12-13).

Outra preocupação do memorialista é o registro do patrimônio público como forma de preservação das culturas que contribuíram para a constituição da cultura brasileira, o que faz em todos os livros das Memórias através da descrição dos espaços por ele visitados, onde viveu e vivia e sobre os quais andava como observador da vida. Há nesta escrita uma preocupação manifesta com os usos da Língua Portuguesa e com as variações que assumia nas diversas regiões do país; com a arquitetura multicultural do Brasil que segundo o autor retrata a das cidades de onde vieram os povos que nesta terra se estabeleceram.

Nesta via interpretativa, sugere que a feijoada no Brasil é um exemplo da diversidade da culinária brasileira e de suas formas múltiplas e que, este não é um prato cuja criação espontânea foi genuinamente brasileira, mas sim "evolução venerável de pratos latinos" (NAVA, 2003c, p. 22) possibilitada pela versatilidade dos feijões e de suas origens. A feijoada serve "tanto a Unidade Nacional como a essa língua [...] que Portugal nos ofertou (NAVA, 2003c, p. 23)": variada, bela e prazerosa, de boa degustação, basta saber...

No "Círio Perfeito", falando das características do carioca, informa que, a festa do carnaval é a mais importante por promover o entrelaçamento entre "musicalidade, harmonia, dança, ritmo, de inter-relacionamento de todas as nossas raças e a prova de que no Rio de Janeiro não há nenhum preconceito erótico. Fundem-se pretos com brancos com caboclos, transfundem-se as três raças" (NAVA, 2003c, p. 206). Sobre a musicalidade deste "caldo cultural" reforça a

existência de: "Fados brasileiros, marchas portuguesas, polcas-tangos, toadas [...]" (NAVA, 2003c, p. 206-207).

As festas religiosas também dão o tom desta multiculturalidade exposta pelo narrador, ao falar das festas do Rio de Janeiro.

> São antes de mais nada festas de confraternização e exaltação coletiva na macumba e na missa, no terreiro e na igreja. Sincretismo, resquícios de paganismo, reminiscências politeístas, rastros de velhos cultos célticos, pontos de encontro [...] são formas de adorar a cor, caminho para a adoração da natureza e crença em todos os milagres, sejam os do jogo do bicho, os das loterias, dos esconjuros, maus-olhados, amarrações, encostos, banhos de descarga, sessões de *limpeza*, candomblés, canjerês. (NAVA, 2003c, p. 207, grifo do autor).

Por estas conexões culturais apresentadas em pequenos recortes de uma vasta obra, consubstancia-se que Nava, nas Memórias, faz uma avaliação otimista do país no qual viveu, embora, reconheça em vários momentos a ausência de um Estado provedor, especialmente na prestação de serviços públicos – como nos de saúde, educação e preservação do patrimônio público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Memórias de Pedro Nava oferecem nuanças que permitem inferir que ao narrar à vida social e cultural brasileira, fazendo uma prospecção do passado, expõe as singularidades culturais do povo brasileiro. Conforma experiências que configuram a multiculturalidade deste povo, através de descrições que apresentam de forma peculiar aspectos da alimentação, das relações sociais e familiares, da visão de morte, impregnados no imaginário social brasileiro.

Os conteúdos dos livros remontam a lugares conhecidos e situados geograficamente no espaço brasileiro, os quais são descritos no movimento da vida que lá existia. Talvez o autor desejasse fixar o passado no presente, dizer que para pensar a cultura da sociedade brasileira é necessário situá-la na história de seu povo. Observar particularidades, modos de vida, jeito de ser, na concretude do dia-a-dia, nas dinâmicas familiares, sociais, políticas e culturais, na práxis do

cotidiano, na mistura ao mesmo tempo homogênea e heterogênea de suas diferentes e diversificadas culturas, em suas festas e rituais e nos usos da Língua Portuguesa.

O escritor trabalhou nas Memórias com o espaço-tempo – momento vivido, não esquecido. Enveredou pelas cenas da vida cultural e social, preservadas pela memória e temperadas pelo imaginário que permeiam, dosam a escrita de seu eu narrador com um toque não sutil de saudade e tristeza, que faz desabrochar suas preocupações com a condição humana e com o respeito necessário à cultura dos povos que formaram o Brasil.

São amplas as possibilidades de interpretação, muitas já foram realizadas, outras se encontram em andamento. Dada à vastidão da obra, podem ser exploradas ainda várias temáticas, ligadas à construção social no tocante à política brasileira, à história da educação no Brasil e às variáveis inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, ao pensamento religioso, entre as quais o processo de formação para a leitura, reforçando, assim, a relevância de pesquisas que tenham como *locus* a literatura.

Por fim, ressalta-se que estas são apenas breves notas que traduzem um pouco da escrita de um sujeito que soube interpretar, de maneira otimista, o Brasil do século XX, amealhando o que poderíamos sintetizar como formas sociais e culturais de vidas, algumas vezes articuladas em relações de poder dominadas por uma cultura política autoritária e clientelista. Formas embrenhadas na política e banhadas pela formação intelectual e médica do autor, sem perder as conexões ensejadas por suas próprias condições existenciais e sociais de vida.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- CANÇADO, José Maria. **Memórias videntes do Brasil:** a obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

- GERMANO, José Willington. **Estado militar e Educação no Brasil**. São Paulo; Cortez, 1993.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

- NAVA, Pedro. **Balão cativo.** São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2000.

- _____. **Chão de ferro.** 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001.

- _____. **Baú de Ossos:** memórias. 10. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

- _____. **Beira-mar.** São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a.

- _____. **Galo-das-Trevas.** 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b.

- _____. **O Círio Perfeito.** 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.

- _____. **Capítulos da história da medicina no Brasil.** Cotia/SP: Ateliê Editorial: Londrina/PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003d.

- _____. **A Medicina de Os Lusíadas.** Cotia/SP; Ateliê Editorial, 2003.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 3. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática)